



## Editorial

Estimados lectores:

Me complace dirigirme a ustedes, como Director de Publicación de este proyecto de comunicación que hemos venido desarrollando por tanto tiempo, gracias al esfuerzo de quienes me precedieron.

Aprovechando esta inmejorable oportunidad, quisiera abordar una problemática que nos afecta a todos los actores de la salud: la aparente división entre la medicina civil y la medicina militar, y cómo la interconectividad entre ambas es vital en caso de desastres o emergencias nacionales.

Es importante destacar que la Organización Mundial de la Salud ha jerarquizado este tema, reconociendo que la medicina militar y civil deben trabajar juntas para garantizar una respuesta eficaz en caso de crisis humanitarias o emergencias. En este sentido, Chatham House, el Comité Internacional de La Cruz Roja, la Media Luna Roja y el Comité Internacional de Medicina Militar han trabajado para promover la colaboración y el intercambio de conocimientos y recursos entre ambas áreas.

Es cierto que la medicina civil y la medicina militar tienen enfoques y objetivos diferentes, pero esto no significa que deban actuar de manera aislada. En una situación de emergencia, las fuerzas armadas tienen un papel fundamental en el apoyo a las autoridades civiles y la población en general, y la colaboración con los sistemas de salud civil es crucial para lograr una respuesta integral y efectiva.

La experiencia nos ha demostrado que la colaboración entre la medicina militar y civil es necesaria para optimizar los recursos disponibles y evitar duplicidades. En situaciones de emergencia, la coordinación entre ambas áreas es fundamental para evitar la interrupción de los servicios de salud, garantizar la atención a los heridos y enfermos, y prevenir el aumento de la morbimortalidad.

Es por ello que desde la Dirección Nacional de Sanidad de las Fuerzas Armadas y a través de esta revista, hacemos un llamado a todas las instituciones de salud y sus profesionales, para promover la colaboración y el trabajo conjunto entre la medicina civil y la medicina militar, especialmente en casos de emergencias o desastres nacionales. Solo así podremos garantizar una respuesta eficaz y salvar vidas.

Atentamente,

Cnel. (M) Bruno G. Ligugnana

Editor en Jefe.



## **Editorial**

Dear Readers:

I am pleased to address you, as Director of Publication of this communication project that we have been developing for so long, thanks to the efforts of those who preceded me.

Taking advantage of this excellent opportunity, I would like to address a problem that affects all of us health actors: the apparent division between civilian medicine and military medicine, and how the interconnectivity between the two is vital in the event of disasters or national emergencies.

It is important to note that the World Health Organization has prioritized this issue, recognizing that military and civilian medicine must work together to ensure an effective response in the event of humanitarian crises or emergencies. In this regard, Chatham House, the International Committee of the Red Cross, the Red Crescent Societies and the International Committee of Military Medicine have worked to promote collaboration and the exchange of knowledge and resources between the two areas.

It is true that civilian and military medicine have different approaches and objectives, but this does not mean that they should act in isolation. In an emergency situation, the armed forces have a fundamental role in supporting civilian authorities and the general population, and collaboration with civilian health systems is crucial to achieve a comprehensive and effective response.

Experience has shown that collaboration between military and civilian medicine is necessary to optimize available resources and avoid duplication. In emergency situations, coordination between both areas is essential to avoid the interruption of health services, to guarantee care for the wounded and sick, and to prevent an increase in morbidity and mortality.

That is why from the National Health Directorate of the Armed Forces and through this magazine, we call on all health institutions and their professionals, to promote collaboration and joint work between civilian medicine and military medicine, especially in cases of emergencies or national disasters. Only in this way will we be able to guarantee an effective response and save lives.

Cordially yours,

Col. (M) Bruno G. Ligugnana

Editor in Chief.



## Editorial

Prezados leitores:

É com prazer que eu me dirijo a vocês, como Diretor de Publicação deste projeto de comunicação que estamos desenvolvendo há tanto tempo, graças aos esforços daqueles que me precederam.

Aproveitando esta excelente oportunidade, gostaria de abordar uma questão que afeta todos nós, agentes de saúde: a aparente divisão entre a medicina civil e a militar e como a interconectividade entre as duas é vital em caso de desastres ou emergências nacionais.

É importante ressaltar que a Organização Mundial da Saúde deu prioridade a essa questão, reconhecendo que a medicina militar e a civil devem trabalhar juntas para garantir uma resposta eficaz em caso de crises ou emergências humanitárias. Nesse sentido, a Chatham House, el Comité Internacional de La Cruz Roja, la Media Luna Roja y el Comité Internacional de Medicina Militar têm trabalhado para promover a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos e recursos entre os dois campos.

É verdade que a medicina civil e a militar têm abordagens e objetivos diferentes, mas isso não significa que devam agir isoladamente. Em uma situação de emergência, as forças armadas têm um papel fundamental a desempenhar no apoio às autoridades civis e à população em geral, e a colaboração com os sistemas de saúde civis é crucial para uma resposta abrangente e eficaz.

A experiência tem demonstrado que a colaboração entre a medicina militar e a civil é necessária para otimizar os recursos disponíveis e evitar a duplicação. Em situações de emergência, a coordenação entre as duas áreas é essencial para evitar a interrupção dos serviços de saúde, para garantir o atendimento aos feridos e doentes e para evitar o aumento da morbidade e da mortalidade.

Por esse motivo, a partir da Dirección Nacional de Sanidad de las Fuerzas Armadas e por meio desta revista, convocamos todas as instituições de saúde e seus profissionais a promover a colaboração e o trabalho conjunto entre a medicina civil e a militar, especialmente em casos de emergências ou desastres nacionais. Somente dessa forma poderemos garantir uma resposta eficaz e salvar vidas.

Atenciosamente,

Coronel (M) Bruno G. Ligugnana

Editor-chefe.